

CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS A PARTIR DA PERSPECTIVA BÍBLICA

ORIGINAL CHRISTIANITIES FROM A BILICAL PERSPECTIVE

Joel Antônio Ferreira ()*

RESUMO

O cristianismo não começou compacto, puro e perfeito, como dá a entender a experiência de Pentecostes (At 2,1-12). Lucas tinha o seu objetivo ao narrar aquele momento. O cristianismo, em várias partes do mundo, em culturas diferentes, com várias experiências religiosas, teve, na sua origem, muitos grupos com propostas diferentes. O importante é entendermos que todos os grupos, sejam de escravos ou de mulheres, sejam ligados a Jerusalém ou aberto aos étnicos, sejam próximos a Roma ou à Grécia, todos eles tinham algo em comum e fundamental: a fé em Jesus, o Cristo, o Filho de Deus. Isso unia a todos.

PALAVRAS-CHAVE: Jesus Cristo. Filho de Deus. Cristianismo. Origem. Fé.

ABSTRACT

The Christianity did not start compact, pure and perfect as it suggests the experience of Pentecost (Acts 2:1-12). Lucas had his purpose in narrating the moment. The Christianity in several parts of the world, in different cultures with different religious experiences, had at their origin, many groups with different proposals. It is important to understand that all groups, whether slaves or women, whether linked to Jerusalem or open to ethnic, or near to Rome or Greece, they all had something in common and fundamental faith in Jesus the Christ the Son of God. This united all.

KEYWORDS: *Jesus Christ. Son of God. Christianity. Origin. Faith.*

INTRODUÇÃO: JESUS NAS ORIGENS DOS CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS

Falar em cristianismo é pensar, imediatamente, na figura de Jesus de Nazaré¹. As primeiras comunidades, fundamentadas na fé em torno da morte

(*) Joel A. Ferreira é professor titular no Doutorado e Mestrado do Programa Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

¹ Não é este o momento de discutir, aqui, o que foi fonte de intensos debates, principalmente na Alemanha, nas décadas de 1970-1980, se o fundador do cristianismo foi Jesus ou Paulo Apóstolo.

e ressurreição de Jesus, foram as proclamadoras de um evento novo: compreenderam que, pela fé no Ressuscitado, Deus estava realizando a salvação dos seres humanos e do cosmos. De fato, para os diversos grupos que formaram os cristianismos originários, o acontecimento “Jesus Cristo”, ou seja, o Ressuscitado foi o ponto fundamental da mensagem do Novo Testamento. Ao acreditarem, viverem e experimentarem a novidade da ressurreição de Jesus, os diversos grupos foram formando os vários cristianismos originários no Oriente Médio, no norte da África e na Europa.

Num primeiro momento, logo após a morte e ressurreição, o conteúdo de todo o Novo Testamento se condensou em duas palavras: “Jesus Cristo”. A profissão de fé dos primeiros cristianismos originários se deu na compreensão de que um homem (Jesus) realizava tudo o que foi prometido no Antigo Testamento, na figura do Messias (Cristo). Era Ele o Enviado, o consagrado de Deus.

Num segundo momento, após as experiências dos anos 70 d.C, as comunidades foram acrescentando uma terceira palavra: “Filho de Deus”. O Evangelho de Marcos foi o primeiro (70 d.C) a colocar, por escrito, esta trilogia: “princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. E o Evangelho de João (95 d.C), arrematou esta compreensão de fé, ao escrever: “Estes (sinais), porém, foram escritos para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus...”.

Esta profissão de fé dos cristianismos originários é a expressão da compreensão de que Ele era, ao mesmo tempo, 100% homem e 100% Deus. “Jesus” era o nome de um homem que viveu na Palestina, quando o imperador romano era Tibério César e que foi assassinado na cruz no tempo do procurador romano Pôncio Pilatos. “Cristo” expressava a compreensão de que o que se esperava de alguém que realizasse as promessas messiânicas aconteceu nele. “Filho de Deus” expressava a transcendência divina de Jesus. Ele ressuscitou e foi elevado como Senhor, “para que se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra” (Fl 2,11).

Os diversos grupos que formaram os cristianismos originários não se preocuparam em escrever qualquer biografia sobre o homem Jesus. Os primeiros cristãos se empenharam em anunciar o testemunho da fé (*kerygma*). Após algumas dezenas de anos de experiência e vivência, de pregação (*kerygma*) da Palavra é que foram colocando, por escrito, e, devagarzinho, foram escrevendo

Aqui, neste artigo, queremos mostrar as diversas experiências dos cristianismos originários que formaram o Novo Testamento.

o Novo Testamento. Nestes escritos, repetimos, pouco conhecemos da biografia de Jesus. O empenho era a proclamação da Boa Nova: aquilo que Jesus significava para os que acreditavam na sua ressurreição.

Os grupos cristãos originários compreenderam o Jesus histórico a partir de sua ressurreição. Os textos do Novo Testamento foram escritos para proclamarem e suscitarem a fé naquele que viveu em Nazaré. O objetivo dos escritos era para proclamar “quem é Jesus hoje”. Na medida em que o Jesus terreno foi na história, para os primeiros cristãos, ele era, também, o Senhor ressuscitado “presente” no meio da história para os que vieram depois dele. Então, muito mais do que a preocupação biográfica, os escritores do Novo Testamento, com toda liberdade, expressaram sua visão teológica. Após a experiência da ressurreição e de Pentecostes (At 2,1-12), os cristianismos originários professaram que Jesus é o Cristo, o Messias prometido e esperado do povo hebreu (2 Sm 7,14), o Filho de Deus.

Olhemos, a seguir, a partir do Novo Testamento, alguns grupos que formaram os cristianismos originários.

A FONTE Q (QUELLE):

DOCUMENTO PRÓXIMO AO JESUS HISTÓRICO

Quelle, a Fonte Q, foi, possivelmente, a primeira redação dos anúncios de Jesus, antes do Evangelho de Marcos (VAAGE, 1998, p 11-12). Provavelmente, a Fonte Q foi redigida por um grupo que conviveu com Jesus, que estava bem próximo, um grupo de amigos e amigas. O Jesus de Quelle é o Jesus humano, sem características messiânicas.

Os desavisados perguntam, sempre, quando ouvem falar desta comunidade e desta “fonte Q”. Não existe mais o texto original. Os textos de Q são comuns em Mateus e Lucas. Quando, no século passado, intuíram os textos de Quelle, os estudiosos concluíram que estes textos são os que mais se aproximam do Jesus histórico. Qual é a metodologia dos estudiosos para nos mostrar esta fonte Q? Constataram que em Mateus (atual) e Lucas (atual) tem muita coisa em comum. Optaram por escolher os textos semelhantes tirando do atual evangelho de Lucas. Então, hoje pegamos a Fonte Q tirando, do evangelho de Lucas, aqueles textos semelhantes ao de Mateus.

A fonte Q é chão. É o cristianismo galileu primitivo. O homem Jesus foi um mestre na Galiléia, um dos muitos da época. Ele não se definia como

o Messias. Os pobres são livres. São os destinatários do Reino de Deus. Eles serão saciados. O Reino de Deus é deles. Vão rir. O Jesus de Q é alegre, festeiro. O Respeito ao outro entra na visão de comunidade. As relações são de gratuidade e igualdade. Sobre a misericórdia, a fonte Q orienta, compreendendo Jesus, a não julgar e a ser misericordioso como o Pai. O Jesus da fonte Q é bem humano, ocupado com a vida concreta das pessoas. Pelos estudos de Vaage, apresentamos as seguintes informações sobre a fonte Q (1998, p. 15-31):

Como esta comunidade estava na Galiléia, portanto, longe de Jerusalém, não se fala em templo e, também, na Lei, porque estes não faziam parte das suas preocupações; Não se encontram títulos cristológicos, como Salvador (soter). Quando Jesus é chamado de senhor (kyrios) é com “s minúsculo”; o julgamento está muito próximo do juízo, onde os pobres são felizes; a expressão “filho de Deus” não define um eixo cristológico. Ser filho de Deus não é privilégio reservado a uma pessoa só, mas corresponde à identidade de todos os que cumprem os ensinamentos de Jesus; quando se fala de “o que vem”, na fonte Q, serve para definir o horizonte próximo de juízo e julgamento, que constitui o marco “teórico” do documento final. Perspectiva quase apocalíptica de uma mudança brusca e iminente; salvo em dois casos, o título “filho do homem” sempre se refere a uma figura “transcendental”, quer dizer, como a figura de “o que vem”, uma espécie de conceito abstrato “plasmado” numa pessoa “sem personalidade”. O conceito abstrato representado pelo “filho do homem” seria o do juízo e julgamento; “filho do homem” personifica um modo de comportamento pessoal claramente “festeiro” (em contraste com a vida dura de João Batista).

O reino de Deus não é um discurso orientado para o futuro, como, por exemplo, em Marcos. O reino de Deus procura articular uma opção alternativa no presente. O reino de Deus dirige-se aos pobres, aos quais se promete a satisfação de sua fome e de outras necessidades semelhantes, a possibilidade de rir e de conhecer a saúde. É impressionante quão tangível e até “materialista” é a promessa desta utopia. Tal utopia é possível, assim como no começo o grão de mostarda e o fermento não parecem ter nenhum poder de transformação, mas acabam sendo capazes de muito. O reino pertence aos pobres; com eles, em sua prática missionária, chega-se ao reino. O reino é o objetivo de sua busca, quer dizer, alcança-se o reino de Deus ao procurar viver sem necessidade e sem angústia; é satisfação aqui e agora. Jesus anuncia muito o Reino de Deus em

Q. O Reino de Deus está bem próximo, é bem concreto: roupa para quem não tem o que vestir; alimento para quem não tem o que comer; é alegria, festa.

A IGREJA DE JERUSALÉM E TIAGO DENTRO DOS CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS

Logo que se pensa nessas Igrejas, vem ao pensamento, o livro dos Atos dos Apóstolos. A questão fica embaraçosa porque este livro não tem como fim a história mas o sentido teológico do cristianismo. O livro dos Atos é uma história do testemunho dos apóstolos e não uma história da Igreja (COMBLIN, 1988, p.39). O livro dos Atos não tinha a noção de história do fim do século XX.

Isso não quer dizer que os Atos sejam mentira ou pura ficção, mas é criação teológica em forma histórica. “Isto nos previne contra uma interpretação historicista ou ingênua dos Atos dos Apóstolos como narração ou crônica direta das origens do cristianismo começando em Jerusalém e terminando em Roma”(RICHARD, 1995, p. 17). Para uma aproximativa clareza histórica são importantes as sete cartas autênticas de Paulo, particularmente, a nossa epístola aos gálatas e a carta de Tiago. Conforme P. Richard em Gl 1,20 “isto vos escrevo e vos asseguro diante de Deus que não minto” temos uma clara intenção histórica, chegando a ter até uma intenção cronológica. Segundo ele, também a carta de Tiago (possivelmente, Tiago o irmão do Senhor, chefe da comunidade cristã, morto em 62) é uma fonte para uma contextualização histórico-teológica da Igreja de Jerusalém (RICHARD, 1995, p. 17-18).

Na perspectiva de Marcos e Mateus, os apóstolos deveriam dar continuidade ao Evangelho na Galiléia. Lucas, entretanto, coloca esses galileus em Jerusalém, provavelmente com uma intenção teológica de apresentá-los como chefes do povo de Deus nessa cidade, restaurando Israel (RICHARD, 1995, p. 18). Lucas quer mostrar que a missão de Paulo é fundamental para que o Evangelho chegue à Grécia e a Roma. Em At 9,26-28 dentro do seu relato quer garantir a aprovação de todos os apóstolos (PIXLEY, 1995, p. 134). Aí em Jerusalém, conforme At 1,12-15, estavam três grupos: este dos apóstolos, o das mulheres e o dos irmãos de Jesus. Paulo com toda a clareza em Gl 2,9 refere-se à presença das “colunas” em Jerusalém: Tiago, Cefas e João. Isto, três anos após o chamado de Paulo. Este mesmo evangelizador diz em Gl 1,18-19: “Três anos após subir a Jerusalém para avistar-me com Cefas, fiquei com ele quinze dias. Não vi nenhum outro apóstolo mas somente Tiago, o irmão do Senhor”. Paulo quis ter o respaldo de Cefas insistindo que não viu nenhum dos

apóstolos em Jerusalém (PIXLEY, 1995, p. 132-6)².

Se, conforme Lucas (At 1,12-15), em Jerusalém aparecem os grupos dos doze apóstolos, o das mulheres e o dos irmãos de Jesus, quem é, então, a pessoa de *Tiago*?

Em Marcos (3,21; 3,31-35; 6,1-6) e João (7,1-5) os “irmãos de Jesus” o vêem como louco. P. Richard diz que “Tiago, o irmão de Jesus, ocupa um posto importante nos Atos dos Apóstolos e isto certamente reflete uma realidade histórica. Este Tiago assume a liderança da comunidade de Jerusalém depois de Pedro e dos apóstolos (At 12,17;15; 21,17-25). Isto é corroborado por Paulo: em sua primeira visita a Jerusalém (ano 38) encontra-se com Cefas e Tiago, o irmão do Senhor (Gl 1,18-19), e em sua segunda visita (ano 48) dialoga com as consideradas colunas da igreja de Jerusalém: Tiago, Cefas e João (Gl 2,9). São também “alguns do grupo de Tiago” os que provocam a crise de Antioquia (Gl 2,12). Possivelmente a eleição de Matias (At 1,15-26), realizada apressadamente antes da vinda do Espírito, e não por consenso, mas por sorte, corresponde historicamente a esta luta entre os doze e os irmãos de Jesus” (RICHARD, 1995, p. 18, apud RIUS-CAMPS, 1992, p. 74-77).

Desde os inícios do cristianismo, Tiago é apresentado como líder da comunidade de Jerusalém. Em At 15 Lucas o apresenta como o referencial mais importante da conferência de Jerusalém. Mesmo em Gl 2,11-14, no episódio de Antioquia, Paulo refere-se aos enviados “da parte de Tiago” e, claramente, vê-se sua ascendência sobre Pedro. Pixley diz que “Lucas supõe uma substituição de Pedro por Tiago em Jerusalém entre seu At 2, quando Pedro é o pregador no Templo, e At 15, quando são discutidas as restrições de dieta para cristãos gentios. Em seu relato da última visita de Paulo a Jerusalém em At 21,18-25, Pedro saiu de cena e Tiago desempenha o papel de bispo, presidindo os presbíteros e dando ordem a Paulo” (PIXLEY, 1995, p. 136-8).

Dois passos à frente são apresentados por Pixley para mostrar a liderança de Tiago:

² Pixley, nesta referência, aí falando do projeto histórico-teológico de Lucas e avaliando o lugar que ele dá aos apóstolos, apresenta três elementos: a) O “colégio” dos apóstolos. São os Doze. Mesmos quando sai Judas, entra Matias. b) Para realizar Lc 22,29-30 “... e vos sentareis em tronos, para governar sobre as doze tribos de Israel”, há o governo apostólico sobre Israel. c) O Templo como centro legítimo de Israel. O Templo é um centro autêntico de culto a Deus e sede simbólica da autoridade em Israel. Os apóstolos pregam aí. É um lugar de oração “todos os dias” (At 2,46). É aí que Paulo, após as três viagens missionárias, entra. Como Lucas desqualifica as autoridades de Israel, mostra Jesus purificando o Templo antes de sua morte, agora os apóstolos são os legítimos governantes de Israel com todo o direito no Templo.

O primeiro retrata o conflito entre *hebreus e helenistas* (At 6). Estêvão, um dos helenistas, acusado de menosprezar este lugar santo (Templo) e a lei, é executado pela multidão enfurecida, havendo uma perseguição contra a Igreja em Jerusalém (At 6-7). Com exceção dos apóstolos todos se dispersaram (At 8,1). As autoridades judias perseguiram os cristãos helenistas mas conviviam com os cristãos de origem hebréia.

O segundo é At 12,17: “ ... Em seguida (Pedro) lhes contou como o Senhor o livrara da prisão. E acrescentou: *“Anunciai isso a Tiago e aos irmãos”*. Depois saiu e foi para outro lugar”. Aqui temos a introdução de Tiago e a separação de Pedro de Jerusalém. Pixley vê no episódio de Cornélio (At 10-11), por parte de Pedro, uma desestabilização da Igreja. Ele pergunta se não se tem aí o motivo por que a Igreja (ou seus líderes) removeu Pedro e colocou Tiago em seu lugar (PIXLEY, 1995, p. 141-2).

Se na relação com a Igreja primitiva o grupo de Tiago se impôs em Jerusalém, com influência fora (por exemplo, Antioquia), se teve uma postura de simpatia com a lei, ao mesmo tempo, pela carta de Tiago, percebemos no grupo um comprometimento com a questão social muito forte, sempre do lado dos pobres (por exemplo, Tg 2 sobre o respeito devido aos pobres e a fé e as obras e Tg 4,13-5,6 sobre a admoestação aos ricos) na luta de classes nos anos que se antecederam à insurreição popular que culminaria com a destruição de Jerusalém (PIXLEY, 1995, p. 140)³.

Não estaria aí um dos motivos porque ele foi assassinado em 62?⁴

Aqui vamos percebendo, cada vez mais, os fortes *conflitos* na Igreja de Jerusalém. Estamos num tempo de grandes divergências internas entre os próprios judeus. No que tange aos cristãos, percebemos que se fortaleceu o grupo mais ligado a Tiago, e aos “irmãos de Jesus”. Este grupo segue a tendência geral do povo judeu e começou a evitar o contato com os estrangeiros (Gl 2,11-13). O judaísmo, apesar de toda a disciplina e todo separatismo do judaísmo em relação a outras religiões, deu origem ao cristianismo (WOODRUF, 1995, p. 78). É o grupo de Tiago que agora sofre a perseguição por parte de Herodes Agripa (At 12,1-3). De outro lado, como veremos adiante, os helenistas, os seguidores de Estêvão, ao perderem o espaço em Jerusalém partem para fora da Palestina

³ Há um consenso entre os comentaristas que esse Tiago não seja algum dos apóstolos e que ele era o “irmão do Senhor”. Pixley diz que “Tiago” pode ser um pseudônimo e apresenta algumas características da sua carta: o grego é fluente e há um conhecimento do estoicismo.

⁴ JOSEFO, Flávio. *Ant.* XX. 197-203; At 12,2.

(MESTERS & OROFINO, 1995, p. 38). Quem seriam aqueles helenistas?

OS HELENISTAS E OS CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS

Mesters e Orofino falam que entre os anos 30 a 40 aparecem divergências que já existiam no judaísmo e que, ao longo dos anos, foram se acentuando nas comunidades cristãs. Numa ponta estava o grupo de Estêvão, ligado aos judeus da diáspora que procurava inculturar o Evangelho no mundo helenista. Na outra ponta, o grupo dos judeus ligado aos escribas e fariseus de Jerusalém, simpatizantes da lei de Moisés. No meio, o grupo da Galiléia e o dos samaritanos. Aí vemos, ao mesmo tempo, uma grande riqueza da vivência do Evangelho e, ao mesmo tempo, muitas tensões e conflitos. Por exemplo, na primeira perseguição foi o grupo de Estêvão que sofreu e teve que fugir de Jerusalém (MESTERS & OROFINO, 1995, p. 36).

Este grupo é o dos helenistas. No esquema teológico lucano são estes que realizarão o programa do anúncio universal. São de cultura grega e se partirmos de At 6-8 e 11,19-30 vemos que eles são críticos à lei e ao templo tendo uma postura radical como discípulos. É o caso de Estêvão (7,55-60), Filipe (8,26-40) e os Sete que evangelizarão como os Doze levando o Evangelho para fora de Jerusalém. Segundo P. Richard a “conversão” de Pedro (10,1-11,18) no caso de Cornélio e a de Paulo (9,1-31) estão narradas em função do programa evangelizador dos helenistas. Então, “a missão da Igreja de Antioquia (At 13-14) e o concílio de Jerusalém (At 15) ratificam esta orientação histórica das origens do cristianismo em Jerusalém, que Paulo e seus colaboradores levarão à sua plenitude, como relatata At 16-28 (RICHARD, 1995, p. 20).

Seguidores de Jesus mais helenizados (não somente na diáspora) estavam interessados em legitimar formas de convívio com pagãos e, por sua vez, foram estes os mais capacitados para realizar a missão entre eles (ex. Paulo convertido em Damasco). Conforme Nogueira (1995, p. 125), Lucas tenta mostrar que o Evangelho estava restrito aos judeus (At 11, 19-20), porém aqui mesmo dá a notícia da formação da comunidade de Antioquia com presença dos gregos. Desde a fuga dos helenistas de Jerusalém havia missão entre os gentios (NOGUEIRA, 1995, 126)⁵. Eles foram um elo entre as tradições mais

⁵ Em todo o artigo, Nogueira mostra que os helenistas se caracterizavam como uma comunidade com liderança profético-carismática, escatologia apocalíptica, liberdade frente à lei, rejeição do culto do Templo, ênfase missionária e participação da mulher.

antigas sobre Jesus e a teologia de Antioquia (sobretudo Paulo).

Para entendermos bem *Antioquia*, é preciso compreender a impressionante expansão missionária no mundo grego, os conflitos entre os cristãos vindos do judaísmo e os novos que advinham de outras etnias e culturas. Como diz At 11,19-20:

Aqueles que haviam sido dispersos devido à tribulação sobrevinda por causa de Estêvão avançaram até a Fenícia, Chipre e Antioquia, e pregavam a Palavra apenas aos judeus. Havia, contudo, entre eles alguns cipriotas e ciríneos que, vindos a Antioquia, dirigiam-se também aos gregos, anunciando-lhes a boa nova do Senhor Jesus.

Mesters e Orofino mostram que era, além de uma passagem geográfica e cultural da Palestina para a Grécia e Itália, uma passagem interior proveniente de um doloroso processo de conversão. As cartas de Paulo são um testemunho vivo para este discernimento. Pessoas como Barnabé, Saulo, Áquila e Priscila, Apolo e outros contribuíram para essa transição. Entenderam que em Cristo todos os povos foram fundidos num único povo (multi-racial e pluri-cultural) diante de Deus (MESTERS & OROFINO, 1995, p. 36). Ninguém tinha o controle sobre a Boa-Nova. Além dos helenistas, a Igreja de Antioquia também era liderada por “mestres e profetas” (At 13,1) e estes, por sua vez, se entendiam como legitimadores de missão, pois enviaram Paulo e Barnabé “impondo-lhes as mãos” (NOGUEIRA, 1995, p. 126).

CRISTÃOS DE ANTIOQUIA

Os de fora foram os primeiros a perceber a sua identidade, como algo diferente. Antioquia foi a primeira comunidade que percebeu a diferença entre os judeus e os que acreditavam em Cristo: cristãos (At 11,26): adjetivo determinativo da nova identidade. Estas comunidades de Antioquia, ao lado de Barnabé, Timóteo, Silvano e Paulo (Gl 2,6; At 15,1-12) foram o símbolo da abertura para os não judeus (MESTERS & OROFINO, 1995, p. 39). Era a comunidade de Antioquia o centro das comunidades da Síria e Arábia chegando a competir em autoridade e influência com a de Jerusalém.

Woodruff diz que a Igreja da Síria Ocidental ou da Antioquia tinha condições de se desenvolver independentemente dos centros em Jerusalém, Galiléia e Síria Oriental por causa do tamanho da cidade e da grande distância dos outros centros. Ele compara a Igreja da Antioquia com as religiões de mistério

e com a comunidade de Qumram e dá algumas “possíveis” particularidades dessa Igreja (WOODRUF, 1995, p. 73-81):

- 1) A liberdade concernente à lei. Essa comunidade era mais liberal que o judaísmo rigoroso e rígido que existia na Palestina sem chegar ao forte antinomismo paulino. Houve, então, um liberalismo pragmático sem rejeição teórica da lei judaica.
- 2) A conversão dos gentios. Por motivo demográfico Antioquia seria o lugar onde as conversões se multiplicaram formando uma massa de gentios convertidos que criou sua própria identidade.
- 3) A morte e ressurreição de Jesus. Possivelmente, por influência das religiões de mistério (o mito de Osíris: Deus que morre e renasce), a Igreja Antioquena adotara este *querigma* como evento fundamental da mensagem cristã⁶.
- 4) Autodefinição. É essa própria Igreja, segundo os Atos dos Apóstolos, que se autodesignou *chistianós*, sinalizando uma identidade.
- 5) Apocalíptica.

DENTRE OS HELENISTAS, O GRUPO DE PAULO MISSIONÁRIO

Ao estudarmos os cristianismos originários, precisamos conhecer as epístolas ditas autênticas de Paulo (1 Tessalonicenses, Gálatas, Romanos, 1 e 2 Coríntios, Filipenses e Filêmon). Nestes escritos vemos que o evangelho libertador vem pela fé em Jesus Cristo, Morto e Ressuscitado que traz a vida à nova criação. A salvação vem pela fé em Jesus Cristo que comunica o Espírito de Vida e de Liberdade e não pela Lei (FERREIRA, 2009, p. 61-5). Onde Paulo anuncia esta fé cristã?

Ele parte do judaísmo e se dirige àqueles que estão vivendo dentro dos conflitos e tensões das estruturas do sistema imperial escravagista romano. Isto é vital. Os judeus, segundo Paulo, pediam sinais. A civilização grega pedia sabedoria (Sofia) para se entender os rumos da sociedade. Paulo apresenta uma terceira via que assustava: Jesus Cristo Crucificado é a novidade que leva à liberdade (1 Cor 1,23-25) dentro de um império estruturalmente opressor.

Como e onde devia ser realizada esta novidade? Lá dentro das comunidades com todas as implicações sociais. A vida social das comunidades paulinas

⁶ Sobre esta possibilidade, Woodruf acha que é uma tese que não se pode afirmar com muita confiança, no entanto, porém, não pode ser descartada.

precisa ser compreendida dentro da convivência com o judaísmo, dentro do universo da civilização e ideologia gregas e da dependência política e econômica romana. É dentro deste contexto que Paulo apresenta aos gentios (étnicos), aos escravos e às mulheres a nova perspectiva de liberdade e de solidariedade comunitária. As cidades gregas, como Filipos, Tessalônica, Corinto, Atenas vangloriavam-se de suas liberdades (Rm 1,18-32). O Apóstolo percebeu que o povo não vivia a liberdade, porque as autoridades, fundadas na corrupção, administravam e governavam a sociedade, na riqueza e na busca do poder. Percebeu que os “fracos” eram manipulados pelos “fortes deste mundo” (1 Co 1,26-29). Ele tomou consciência que o decantado sistema livre e democrático se mantinha às custas do sistema imperial escravagista (HOUTART, 1982, p. 21 e 70-71). O escravagismo era a articulação deste processo de controle do trabalho e do excedente da produção (HORSLEY, 2004, p. 9-16). Paulo, concretamente, apresenta sua proposta, na *práxis*, no bilhete a Filêmon (fim da escravatura) e o grande princípio transformador está no texto da liturgia batismal de Gl 3,26-28, onde ele frisa que, a partir de Cristo, “não há mais judeu nem grego, não há mais escravo nem livre, não há mais homem nem mulher”.

Ele foi, dentre todos evangelizadores e evangelizadoras dos cristianismos originários, provavelmente, o maior missionário que teve uma postura de itinerância pelos caminhos do mundo, evangelizando e trabalhando. Ao opor-se ao escravagismo, ao patriarcalismo e ao androcentrismo, ao abrir-se ao estrangeiros (étnicos), à novidade de gênero (as mulheres terão espaço e voz) e aos escravos, a proclamação do Evangelho foi se expandindo aos étnicos. Paulo representou com o seu grupo (Barnabé, Timóteo, Silas, Áquila e Priscila, Febe, Junia, Trifosa, Trifena, Evódia, Sístique, Tércio, Lucas, Marcos, Ápia) um estilo novo e prazeroso de apresentar a novidade transformadora da Boa Nova, porque ele transpirava Jesus Cristo pelos poros (FERREIRA & SILVA, 2009, p. 56).

GRUPOS DOS OPOSTOS DE PAULO: MISSIONÁRIOS JUDEU-CRISTÃOS

No Novo Testamento, particularmente em Paulo, por diversas vezes, ouvimos falar dos “judaizantes”. Eram os oponentes da linha de Paulo. Eram cristãos, também, dos cristianismos originários (FERREIRA, 2005, p.25-30). Nós preferimos chamá-los de missionários judeu-cristãos, porque eram cristãos que tiveram dificuldades de abandonarem a linha do judaísmo (lei do

puro e do impuro, lei da circuncisão, lei do sábado etc).

O que sabemos desses oponentes tem que ser buscado na epístola aos gálatas. Não temos referências seguras sobre eles em outras fontes, como em textos do Novo Testamento ou da literatura extra-bíblica da época.

Pelo que transparece na missiva, estavam tendo certo sucesso no convencimento dos gentios da Galácia evangelizados por Paulo, a aceitar a lei bíblica a fim de se tornarem herdeiros das promessas da Sagrada Escritura. Aqueles pregadores ensinavam aos gálatas, que os convertidos só podiam pertencer ao povo de Deus, ao circuncidarem-se ou aceitarem a lei.

Provavelmente, baseavam sua pregação na Sagrada Escritura e fundamentavam-se no livro do Gênesis (Gn 17,9-14. 26s) para convencer os gálatas a circuncidarem-se como Abraão e tornarem-se seus herdeiros das promessas⁷.

Quem eram aqueles pregadores que, parece, faziam oposição a Paulo?

Os melhores comentaristas de gálatas, na nossa opinião, como Bauckham (1979, p. 61-70), Brismead (1982, p. 86-7), Jewett (1971, p. 198-212), Martyn, 1985, p. 307-324), Sanders (1990, p. 28), Tyson (1968, p. 241-254), os considera como judeu-cristãos, sendo que Sanders os chama de cristãos da direita.

Pitta (1992, p. 201) mostra que é incerta a origem ou a proveniência daqueles opositores. Ele pergunta se eles provêm do interno ou do externo das comunidades gálatas. Se a origem for externa como defende a maioria dos exegetas, refere-se ou ao judaísmo em geral, ou às comunidades cristãs ligadas à Igreja de Jerusalém⁸.

Concordamos com a maioria dos exegetas no consenso de que aqueles opositores a Paulo eram cristãos. Na epístola aos gálatas se percebe isto. Em Gl 1,6 Paulo se refere a eles como pregadores de “um outro Evangelho”. Gl 2,4 o apóstolo os chama de “falsos irmãos”. Eles estão ligados à Jerusalém no contexto das discussões com as “colunas” (2,9). Também a referência aos opositores, conforme Sanders (1992, p. 27-8), que fogem da perseguição em Gl 6,12 retrata que os missionários pertenciam ao cristianismo recém surgido.

⁷ Grande parte dos exegetas da epístola aos gálatas está de acordo que os pregadores oponentes a Paulo fundamentavam sua pregação na Sagrada Escritura. Provavelmente, cada argumentação de Paulo em torno de Abraão, Sara e Agar, os seus filhos, seja uma resposta do apóstolo às interpretações daqueles pregadores. Entre os autores que pensam assim temos: Sanders (1990, p. 27-29); Martyn (1998, p. 116-126).

⁸ Porém, o pensamento geral é que este grupo esteja ligado à linha da Igreja de Jerusalém. Não necessariamente, com residência na cidade, mas no projeto jersalemitano.

Nós gostamos de chamá-los de “missionários judeu-cristãos” (FERREIRA, 2005, p.28-30). Para nós está claro que os pregadores ou catequistas que estiveram na Galácia, após o apostolado de Paulo, eram missionários judeu-cristãos e que, portanto, acreditavam em Jesus Cristo. Claro, em oposição a Paulo e sua abertura tenaz aos étnicos. Embora fossem cristãos conservadores e apegados às tradições judaicas, constituíram um grupo significativo dos cristianismos originários.

OS CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS E A POSTURA DIANTE DA ESCRAVIDÃO

O modo de produção escravagista romano não suportava oposições. O grupo de Paulo, por exemplo, sofreu diversas prisões. Paulo foi preso em Jerusalém (At 21,27-40), em Cesaréia (At 24,27), em Roma (At 28,16ss); sofreu perseguição, açoites, torturas (2 Cor 11,23-25); escreveu várias cartas na cadeia, entre elas, aos Filipenses e o bilhete a Onésimo. Neste, ele e Timóteo escreveram a um patrão convertido (Filêmon), à Ápia, Arquipo e à igreja que se reunia ali (Fm 1,1-2). Na cadeia está, além de Paulo e Timóteo, Epafros, Marcos, Aristarco, Demas e Lucas (Fm 1,23), quer dizer, todo um grupo dos cristianismos originários que foi preso por pregar o Evangelho que incomodava Roma. Este bilhete comunitário dirige-se, fortemente, a Filemon, a propósito do seu escravo Onésimo que fugira, talvez furtando algum bem. A lei romana era clara, em tais casos, o escravo devia ser devolvido ao patrão e punido. Paulo devolve Onésimo, porém, não mais como escravo, e sim, como irmão, como se fosse o próprio Paulo, como se fosse o seu coração. O escravo, agora, na mentalidade cristã, não voltará como escravo, mas livre, como cidadão pleno, como irmão muito querido (FERREIRA & SILVA, 2009, p. 41-44). Este texto é um documento muito claro contra a escravidão. Também a carta aos Filipenses retrata o espírito do grupo de Paulo que foi, corajosamente, contra o escravagismo. E em Gálatas ele insiste sobre a liberdade (Gl 2,28; 5,1.13).

OS CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS, A CASA (*OIKIA*, *OIKOS*) E AS MULHERES

Na Epístola aos Gálatas (Gl 3,28c) há uma afirmativa “não há (diferença entre) homem e mulher”. Paulo, conhecedor da marginalização feminina no

ambiente em que foi formado, o judaísmo e, provavelmente, consciente do peso da opressão greco-romana à mulher, subverte aqui, indo contra toda e qualquer dominação patriarcal, seja no seio das sociedades ocidentais e orientais, seja no ambiente de religiões ou na atmosfera das culturas bíblicas.

Na epístola aos Romanos, nas recomendações finais, temos um interessante referencial, para vermos como Paulo teve uma empatia impressionante com as mulheres. Em Rm 16,1-2, ele se refere a *Febe*: “Recomendo a vocês Febe, nossa irmã, diaconisa da comunidade de Cencrécia...porque ela também ajudou a muitos, a mim inclusive” (FOULKES, 1995, p.123)⁹. Em Rm 16,3-5, ele faz alusão a Priscila e seu marido. Era na sua casa que a comunidade se reunia: “Saudai Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que para salvar minha vida expuseram sua cabeça...”. Rm 16,6 fala de *Maria*: “Saudai Maria, que muito fez por vós”. Rm 16,7 lembra de *Júnia*, chamada, ela e seu marido, apóstolos, uma ousadia de Paulo: “Saudai Andrônico e Júnia, meus parentes e companheiros de prisão, apóstolos exímios que me precederam na fé em Cristo”. Recorda-se em Rm 16,12, de *Trifena, Trifosa e Pérside*, companheiras na tribulação: “Saudai Trifena e Trifosa, que se afadigaram. Saudai a querida Pérside, que muito se afadigou no Senhor. Em Rm 16,13, refere-se a u’*ã mãe*: “Saudai a Rufo, este eleito do Senhor, e sua mãe, que é também minha”. Rm 16,15 recorda-se de Júlia, a irmã de Nereu e Olimpas: “Saudai Filólogo e Jtília, Nereu e sua irmã, e Olimpas, e todos os santos que estão com eles”.

Uma comunidade muito querida de Paulo foi a de Filipos. Ali duas líderes, provavelmente, na luta pela construção da comunidade, tinham suas desavenças. Sobre elas, *Evódia e Síntique*, o companheiro Sízigo recebe palavras de orientação para apoiá-las, porque Paulo as respeita, por ver nelas, líderes valorosas que “lutaram a meu lado pelo evangelho, com Clemente e os demais colaboradores meus cujos nomes estão no livro da vida” (Fl 4,2-3).

Vemos que nessas recomendações Paulo fala com toda naturalidade de mulheres que são diaconisa, colaboradora em Jesus Cristo ou apóstola. Títulos e funções importantes na vida e na organização das comunidades. As comunidades e o próprio Paulo devem muito a algumas delas, pois o ajudaram e arriscaram a própria vida por ele. Carinhosamente, ele se refere a elas como

⁹ Aqui Foulkes insiste que Febe é apresentada com o termo *diákonos* (gênero masculino), para entender que Febe exercia um ministério reconhecido na comunidade eclesial de Cencrécia. “Ela foi *prostatís* de muitos e também de mim mesmo” (Rm 16,2). O *prostatís* designava uma pessoa de certa categoria que presidia o grupo e dedicava suas capacidades a seu desenvolvimento. Em seguida, ela faz comentários interessantes sobre outras mulheres do grupo de Paulo.

irmã, mãe, ajudantes na luta pelo evangelho, companheira de prisão. Detalhe importante: em dois casos, a comunidade se reúne na casa¹⁰ de algumas delas (MESTERS, 1991, p. 96-106).

Como as comunidades se reuniam nas casas do povo, eram chamadas de “Igrejas domésticas”. Aqui haviam as celebrações nas casas, as celebrações da vida. Nas reuniões, as mulheres cristãs podiam falar sobre tudo. A casa era o espaço para a pregação da palavra, para o culto, para a participação na mesa eucarística e para as relações sociais (TOMITA, 1991, p. 47-58). Nas Igrejas domésticas, as mulheres encontraram seus espaços para exercerem as funções de coordenadoras nas comunidades (MESTERS, 1991, p. 99). A partir da casa, essas mulheres e outras, também, partiram em missão. Os grupos de Paulo foram devedores e enriquecidos pelas mulheres.

OS GRUPOS DOS “CÓDIGOS DOMÉSTICOS” NOS CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS

Não foram só maravilhas, com relação às mulheres e escravos. Após a morte de Paulo e outros líderes, mais tarde, houve uma reação eclesial contra as Igrejas domésticas e contra o entusiasmo de Gl 3,28. Nesta reação, segundo Branick (1994, p. 134-141), apareceram o “código doméstico de Colossenses” (corresponde a Col 3,18-4,1: o primeiro código do Novo Testamento) e “o código doméstico de Efésios” (Ef 5,21-6,9)¹¹ que vieram a se desenvolver no ensino cristão para contraporem-se aos projetos entusiásticos de Gl 3,28 (CROUCH, 1972, p. 174).

O interesse dos códigos domésticos¹² tinha uma direção certa: eram as mulheres e os escravos, que com sua emancipação, ao menos em nível eclesial,

¹⁰ Seria anacrônico da nossa parte, se disséssemos que as igrejas domésticas foram uma criação das comunidades cristãs. Na verdade, o cristianismo apanhou sua força nas celebrações domésticas. Contudo, a experiência das liturgias domésticas teve uma longa história anterior no mundo judaico-israelita.

¹¹ Nas cartas dirigidas aos Efésios e aos Colossenses, em dois trechos afins, pela estrutura literária e pelo conteúdo, fala-se respectivamente da condição e do papel da mulher na estrutura familiar. Trata-se de fato, de uma série de instruções normativas, com o verbo no imperativo, seguido normalmente de argumentos mais ou menos elaborados. O adjetivo “familiar” é sugerido pelo fato de que essas normas se referem às relações dos componentes da família antiga: marido/mulher, pais/filhos, senhores/escravos.

¹² Os “códigos domésticos” de Efésios e Colossenses são fruto de um rumo patriarcal que foi desenvolvido pela “escola paulina”, ou seja, o projeto de Paulo sobre a liberdade, foi modificado, reacionariamente, após sua morte.

ameaçavam a estabilidade das igrejas paulinas. A autocompreensão da comunidade cristã, como comunidade de *irmandade*, dá lugar ao modelo de comunidade estruturada e compreendida segundo a ordem social da casa patriarcal. A afirmação da igualdade passa a ser substituída pela afirmação da obediência e da submissão (STROHER, 2000 p. 41).

Provavelmente, os códigos domésticos foram frutos da reação dos membros masculinos (JUDGE, 1960, p. 60)¹³. Oficiosamente, houve a repressão pastoral, androcêntrica e patriarcal, voltando a marginalizar as mulheres nas comunidades e na teologia. Houve também a repressão social aos escravos para que se submetessem aos patrões, conforme o modo de produção escravagista.

EVANGELHO DE MARCOS NOS CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS

Marcos escreveu no meio de grandes conflitos: destruição de Jerusalém e do Templo, guerras civis no centro do império (em um ano e meio, cinco imperadores passaram pelo controle do império). Se os primeiros cristianismos originários proclamaram o *kerigma* (pregação) da morte e ressurreição, pelos anos 30, agora, pelos anos 70, a comunidade marcana, diante de tantos conflitos agudos, precisava responder aos cristãos desta época “quem é Jesus?” (Mc 8,27-29). Enquanto o fazia, ia anunciando o “Reino de Deus” como o rosto antagonístico à proposta dos grupos que controlavam Jerusalém e o Templo, bem como o império romano que controlava o mundo. No meio de um império escravagista, Marcos entendeu o “Reino de Deus” como um projeto em favor dos pobres e sofridos. O sistema escravagista romano e o centro judeu baseado na lei do “puro-impuro” eram a causa maior da exclusão da grande legião de desfavorecidos e, por conseguinte, do impedimento da realização do plano de Deus (FERREIRA, 2009, p. 142-3).

O grande objetivo da prática de Jesus foi, para Marcos e seu grupo, fazer presente o plano de Deus em favor da vida, preferencialmente a dos eliminados do sistema. Respondendo “quem é Jesus?” aquela comunidade veio mostrando que, assim, como Jesus abria a mentalidade dos seus discípulos, agora, pelos anos 70, as comunidades também precisavam ir tomando esta postura. Olhando como Jesus agia, as comunidades eram incentivadas a não se fechar, porém, precisariam

¹³ Judge fala das interferências dos homens que exigem a subserviência das mulheres, dos escravos e das crianças. Havia, segundo ele, os interesses dos homens maridos e chefes de família e dos homens patrões que se sentiam ameaçados nas suas antigas tranqüilidades.

se manter prontas para proclamarem o Evangelho a todos (as), apesar do perigo.
EVANGELHO DE MATEUS NOS CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS

Uma outra faceta dos cristianismos originários foi o Evangelho da comunidade mateana, redigido pelos anos 80 d.C. Foi uma comunidade proveniente do judaísmo que escreveu para judeus, a fim de proclamar a mensagem de que Jesus Cristo estava vivo e presente na vida da comunidade cristã. Em Mt 1,23 vemos: “e o chamarão com o nome de Emanuel que, traduzido, significa “Deus está conosco”. Em Mt 18,20 lemos: “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles”. Quase no final, em Mt 28,20, Jesus disse: “ eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”. Compreendendo a presença permanente de Jesus no meio da comunidade, o Evangelho de Mateus entre tantos temas, defendeu o “Reino dos Céus” e a “Justiça” no meio das perseguições (FERREIRA, 2009, p. 177-8).

Para apresentar estas teologias, a escola mateana escreveu, além da introdução e conclusão, cinco livrinhos bem estruturados. Cada livro relatou a “prática” de Jesus e apresentou as partes “teóricas”, que foram cinco conferências de Jesus.

EVANGELHO DE LUCAS E ATOS DOS APÓSTOLOS NOS CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS

Se Mateus escreveu para os judeus, a comunidade lucana elaborou dois livros buscando os estrangeiros. No primeiro (evangelho), Jesus sai da Galiléia e caminha para Jerusalém. No segundo (Atos dos Apóstolos) a Boa Nova sai de Jerusalém e vai para Roma (centro do império). Os cristianismos originários lucanos, escritos pelos anos 85 d.C, pretendiam mostrar que a nova história, a partir do Ressuscitado, podia ser construída pelos pobres (FERREIRA, 2009, p. 160).

Na primeira parte (Lc 1,1-4,13), vemos o mistério de Jesus sendo revelado, especialmente aos simples e humildes. Na segunda parte (Lc 4,14-24,53), o mistério se efetiva no processo libertados de Jesus. Nesta parte vemos Jesus na Galiléia (Lc 4,14-9,50); Jesus viajando para Jerusalém (Lc 9,51-19,28) numa marcha de libertação; por fim, Jesus em Jerusalém (Lc 19,29-24,53) onde há o confronto com o poder.

Para o projeto dos poderosos, o maior é aquele que manda, condena e

mata (22,2). Para o projeto de Jesus, o maior é aquele que serve. O grande conflito tem um crescendo. A partir da Galiléia houve um crescente conflito com a religião e com a sociedade. O ápice acontece nos conflitos com detentores do poder em Jerusalém com resultados gravíssimos para quem buscava uma nova história. O sinédrio (Jerusalém) e Roma não suportavam o conflito de quem buscava essa nova história, porque os seus privilégios estavam sendo ameaçados.

Com a experiência da Ressurreição de Jesus, a comunidade lucana apresentou um segundo livro (Atos dos Apóstolos ou Atos do Espírito Santo) para mostrar que o Evangelho deveria ser anunciado até em Roma, o centro do poder e de todas as tensões.

EVANGELHO DE JOÃO NOS CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS

No nível cronológico, a escola joanina (evangelho, três cartas e Apocalipse) é considerada a última dos cristianismos originários. Sua história, desde o evento Jesus até os anos 95-100 d.C., teria uns sessenta e cinco anos de experiência comunitária. Os cristianismos estão passando por duas grandes crises: 1 - a perseguição romana (o imperador é Domício); 2 - a ruptura definitiva com o judaísmo (congresso de Jâmnia, pelos anos 90 d.C.).

Até este congresso, as comunidades cristãs, especialmente as próximas aos judeus, eram chamadas de “nazarenas” e faziam parte do judaísmo. Porém, os conflitos iam se ampliando entre as duas partes. Os nazarenos ou cristãos eram judeus que reconheciam o Antigo Testamento incluindo os livros que foram escritos em grego (Tobias, Judite, 1º e 2º Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc) e, além disso, aceitavam Jesus como Messias. Relações mais ou menos boas. Com o encontro de Jâmnia acabaram a paz e as proximidades.

Quando os congressistas do novo judaísmo firmaram a “liturgia sinagoga”, elaboraram dezoito bênçãos (para os do judaísmo) e uma maldição (para os nazarenos ou cristãos). O cordão umbilical foi cortado (FERREIRA, 2009, p. 198-201).

Além do judaísmo, estes cristianismos viviam em tensão com o “mundo” (modo de produção escravagista romano) e com conflitos com a mentalidade grega gnóstica e doceta e com os batistas.

Aí, nesse universo, era preciso proclamar o sentido da Palavra de Deus Encarnada (Jo 1,14) que era a Luz que brilhava nas trevas e que apontava a verdade e a liberdade para aqueles que quisessem viver a Vida. Na verdade, estes cristãos originários queriam revelar que Jesus era 100% homem e 100%

Deus e que aqueles que nele cressem, teriam “a vida em seu nome” (Jo 20,31).
**GRUPOS DE CRISTÃOS APOCALÍPTICOS
 NOS CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS**

Dentro da escola joanina, cristãos que resistiram, bravamente, à perseguição romana, celebravam a liturgia da vida, apesar de correrem o risco do martírio. Na região da Ásia Menor, faziam sua resistência proclamando que quem controlava a história não era o imperador Domiciano, mas o Ressuscitado (FERREIRA, 2009, p. 205-26). Toda a pregação cristã cria e vivia a busca do Senhor da História! Anunciava o Reino do Cordeiro que estava de pé (Ap 4-5). Denunciava o “falso reino de Roma e seu imperador (Ap 12-13). Agia pelo testemunho e Palavra (Ap 1,9). Convocava a todos para um modo de viver (Ap 7,4-8). Celebrava a vida dos resistentes e mártires (Ap 19,9).

Para sobreviverem na fé e na esperança, trocavam as experiências, por escrito, usando uma linguagem camuflada que a polícia romana não entendia, porém, eles sim.

CONCLUSÃO

Muitas pessoas têm uma idéia romântica e ingênua de que o cristianismo surgiu compacto, puro e, quase perfeito, após a experiência de Pentecostes (At 2,1-12). Não foi bem assim. O cristianismo surgiu, pela fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, com vários grupos, situados em vários lugares, com experiências próprias, com exigências autóctones e com pastorais típicas de cada situação vital.

Como vimos, alguns grupos, exatamente, por causa das diferenças típicas de cada lugar e por causa de um passado cultural e religioso tão diferente, tiveram posturas pastorais diferentes de outros. Alguns experimentaram conflitos fortes com outros grupos. Alguns tiveram projetos distantes de outros.

Isso foi importante e vital. Poderíamos, ao longo da história, ter vários cristianismos que viveriam, sempre, em “cisma” com outros grupos. Parece que a comunidade lucana ao expor, pelos anos 90 d.C, as diferenças, apresentou, também, a unidade na diversidade, ao narrar a experiência fundamental de Pentecostes (At 2,1-12). De fato, como poderiam se encontrar, mais tarde, os seguidores de Tiago e os amigos e amigas de Paulo, diante da Lei e da abertura aos estrangeiros? Como poderiam conviver algum patrão (Filemon) com

um escravo (Onésimo), não só na liturgia eucarística, mas também, nas vinte e quatro horas do dia, superando o modo de produção escravagista romano e apresentando um novo projeto de liberdade e igualdade?

Foi assim! Vários grupos, com experiências tão próprias e, no entanto, conservando aquilo que era o mais fundamental de cada um: a fé no Cristo morto e ressuscitado. A fé, apesar de tantas diferenças, ali na frente, unia a todos.

REFERÊNCIAS

- BAUCKHAM, R J. "Barnabas in Galatians". *JSNT* (1979), n.2, p. 61-70.
- BRANICK, Vincent. *A Igreja Doméstica nos Escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BRISMEAD, B. H. *Galatians Dialogical Response to Opponents*. Chico: Scholars Press, 1982,
- COMBY, J. & LEMONON, P. *Vida e Religiões no Império Romano no Tempo das Primeiras Comunidades Cristãs*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988.
- COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes, Metodista e Sinodal, 1988, vol. I. (Comentário Bíblico).
- FABRIS R. e GOZZINI, V. *A Mulher na Igreja Primitiva*. S. Paulo: Ed. Paulinas, 1986.
- FERREIRA, Joel A. *Gálatas a Epístola da Abertura de Fronteiras*. S. Paulo: Loyola, 2005.
- FERREIRA, Joel A. *Paulo, Jesus e os Marginalizados*. Leitura Conflitual do Novo Testamento. Goiânia: Ed. Da UCG, 2009.
- FERREIRA Joel A.; SILVA, Valmor da. *Paulo Missionário*. Belo Horizonte: O Luta-dor, 2009.
- FIORENZA, Elizabeth Schüssler. *As Origens Cristãs a Partir da Mulher Uma nova Her-menêutica*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.
- JEWETT, R. "The agitators and the Galatians Congregation". *NTS*, v. 17, 1970-71, p. 198-212.
- MARTYN, J. L. "A Law-observant Mission to gentiles: the back ground of Galatians". *SJT*, n. 38, 1985, p. 307-324.
- MARTYN, J L. *Galatians*. New York: Doubleday, 1998. (The Anchor Bible).
- MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. "As Primeiras Comunidades Cristãs dentro da Conjuntura da Época. As Etapas da História do Ano 30 ao Ano 70." *RIBLA*,

Petrópolis: Vozes, n. 22, 1995, p. 34-44.

MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo um Trabalhador que Anuncia o Evangelho*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. “A Comunidade Esquecida. Um Estudo Sobre o Grupo dos Helenistas em Atos 6,1 – 8,3”. *RIBLA*, Petrópolis: Vozes, n. 22, 1995, p.109-126.

PITTA, A. *Disposizione e Messagio della Lettera ai Galati*. Roma: PIB, 1992.

PIXLEY, Jorge. “Tiago e a Igreja de Jerusalém”. *RIBLA*, Petrópolis: Vozes, n. 22, 1995, p.127-146.

RICHARD, Pablo. “As Diversas Origens do Cristianismo. Uma Visão de Conjunto (30-70dc)”. *RIBLA*, Petrópolis: Vozes, n. 22, 1995, p. 7-21.

RIUS-CAMPS, Josep. *Orígenes del Cristianismo. Perspectiva de Lucas (Heb I - XII)*. Madrid: Biblia e Fé, 1992, p. 74-77.

SANDERS, E. P. *Paulo, a Lei e o Povo Judeu*. São Paulo : Paulinas, 1990.

TYSON, J.B. “Paul’s opponents in Galatia”. *NT*, n. 10, 1968, p. 241-254.

VAAGE, Leif E. Que o leitor tenha cuidado! O Evangelho de Marcos e os cristianismos originários da Síria-Palestina. *RIBLA*, Petrópolis: Vozes, v. 1, n. 29, 1998, p. 11-31.

WOODRUFF, Archibald Mulforf. “A Igreja Pré-Paulina”. *RIBLA*, Petrópolis: Vozes, n. 22, 1995, p. 73-83.